



A POESIA BÍBLICA E ERÓTICA DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

THE BIBLICAL AND EROTIC POETRY OF THE CANTICE

Ana Rosária Soares da Silva¹
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Resumo: Analisar a poesia bíblica do livro Cântico dos Cânticos destacando sua inserção na literatura sapiencial e seu conteúdo de amor erotismo no cânone sagrado. Este artigo está embasado em teóricos que tratam do tema não como objeto das ciências e da razão, mas como forças humanas indissociáveis do homem e como instrumentos valiosos para sua existência. Ancorado na afirmativa de Otávio Paz de que não há amor sem erotismo como não há erotismo sem sexualidade esta análise se apresenta por meio das ideias dos estudiosos que entendem a poesia como o resultado dos múltiplos sentimentos detalhados no poema ao trazer uma poesia emaranhada entre o amor e o erotismo percebidos a cada verso, fazendo o leitor imaginar e entender o sentido da palavra poética. De acordos com estudos empreendidos, entende-se que o amor é focalizado como um elemento socializador que beneficia tanto os deuses quanto os homens: É ele quem nos arranca do isolamento, quem aproxima os homens, princípio e liame da sociedade. Já o erotismo, é, de forma geral, infração à regra dos interditos; é uma atividade humana; o erotismo é salvação e pecado do poeta, realidade e sublimação do ser, pureza e profanação da alma, encontro e perdição do

¹ Endereço eletrônico: ana.rosaria@hotmail.com

homem. A literatura, neste sentido, será o caminho para se percorrer no poema suas nuances e seus terrenos. Recorreram-se às ideias de Archer (2001), Amaral (2009), Cavalcanti (2005), Ravasi (2003), Stadelmann (1993), Mazzarolo (2000), Alberoni (1996) Paz (1999, 2012), Stendhal (1993), Amaral (2009), dentre os demais citados no texto que possibilitaram a compreensão e sentido ao que este estudo se propõe discutir.

Palavras-Chave: Cântico dos Cânticos; Poesia bíblica; Literatura; Erotismo.

Abstract: *Analyze the biblical poetry of the book Cantics of Songs highlighting its insertion in sapiential literature and its content of eroticism love in the sacred canon. This article is based on theorists who deal with the theme not as an object of science and reason, but as inseparable human forces of man and as valuable instruments for his existence. Anchored in Otávio Paz's statement that there is no love without eroticism as there is no eroticism without sexuality this analysis is presented through the ideas of scholars who understand poetry as the result of the multiple feelings detailed in the poem by bringing a poetry tangled between love and eroticism perceived in each verse, making the reader imagine and understand the meaning of the poetic word. According to studies undertaken, it is understood that love is focused as a socializing element that benefits both gods and men: It is he who pulls us out of isolation, who brings men closer, principle and bond to society. Eroticism, on the other hand, is, in general, an infringement of the rule of prohibition; is a human activity; eroticism is the poet's salvation and sin, reality and sublimation of being, purity and desecration of the soul, encounter and perdition of man. Literature, in this sense, will be the way to walk in the poem its nuances and its terrains. The ideas of Archer (2001), Amaral (2009), Cavalcanti (2005), Ravasi (2003), Stadelmann (1993), Mazzarolo (2000), Alberoni (1996) Paz (1999), 2012), Stendhal (1993), Amaral (2009), among the others mentioned in the text that allowed the understanding and meaning to what this study proposes to discuss.*

Keywords: Song of Songs; Biblical poetry; Literature; Eroticism.

INTRODUÇÃO

O Cântico dos Cânticos ou Cantares de Salomão é uma obra poética que faz parte não somente da literatura bíblica, mas da poesia universal. O livro é lido e estudado tanto na literatura sapiencial quanto na visão literária, e nestas leituras surgem diversas categorias de análise, uma vez que o livro/poema surge com um discurso distinto dos demais que fazem parte do cânon das Escrituras Sagradas e, por isso, desperta interesses universais na história da literatura.

Archer (2001) analisa que Deus poderia ter-nos dado uma Bíblia escrita com a linguagem divina. Mas se assim o fizesse, jamais poderíamos compreendê-la, sendo nossa linguagem humana e imperfeita, suscetível à má compreensão. Assim, o dom da linguagem é o nosso meio de comunicação mais eficaz, pelo qual transmitimos ideias e percepções uns aos outros. Por isso, foi que Deus preferiu falar através da linguagem humana, para que pudesse ser entendido.

Neste sentido, Borralho (2017) esclarece que a capacidade de compreensão só é possível mediante a linguagem e que por meio dela é que se estabelece relação entre o que representa e o que é representado, ou seja, o significante e o significado. Desse modo, a compreensão da linguagem bíblica só é possível porque a escolha da linguagem humana na construção textual possibilita o entendimento.

Mais especificamente, no caso do livro bíblico Cântico dos Cânticos, a clareza dos vocábulos, divisão dos versos, poesia, lirismo, amor e erotismo são apresentados no diálogo amoroso entre homem e mulher, que falam intimamente de assuntos que a humanidade sente, vive e compreende.

Embora a literatura bíblica não aborde outra escrita relativa à do Cântico, que em sua gênese aborda o relacionamento amoroso entre homem e mulher, o livro/poema traz possibilidades para diversos entendimentos a respeito de sua mensagem divina, visto que, traz uma linguagem humana e terrena, contrapondo-se à maioria dos discursos bíblicos e suas sentenças morais. Os Cânticos se apresentam com linguagem única, e, por vezes, desconcertante, se olhada do ponto de vista da Bíblia como o livro inspirado por Deus.

O tema central do Cântico dos Cânticos é o amor, porém, o conteúdo de sua mensagem para a sociedade judaica tem o objetivo, segundo Stadelmann (1993) a restauração da monarquia davídica em Judá, após o exílio. Sua inclusão entre os livros da Bíblia Sagrada representaria, assim, uma aliança entre o rei e

seu povo como expressão de aceitação e reconhecimento do poder absoluto da monarquia.

Reinke (2014), no estudo do Antigo Testamento, relata que a época de Salomão representou o grande nascimento das Artes e da Literatura em Israel. A literatura sapiencial aparece fortemente sob a égide da retórica do rei Salomão, e a poesia encontra grande desenvolvimento nos livros poéticos da Bíblia, inclusive, e, principalmente no Cântico dos Cânticos trazendo uma reflexão profunda sobre os sentimentos humanos e sua existência.

O Cântico fala de amor e paixão entre dois seres, desvela na obra bíblica um discurso carnal e sexual que homem e mulher nutrem um pelo outro. De fato, os sentimentos sexuais humanos deveriam também ser contados, já que a Bíblia conta a história e memória de um povo, e a história se faz entre relações sociais, e nestas relações estão os sentimentos de amizade, desejo, paixões, o desencanto, o ciúme a solidão e a felicidade que nos compõem enquanto povo, enquanto seres.

O poema, dessa forma, é caminho para falar das relações sentimentais, que mesmo na história bíblica, deixam de existir. Ademais, Paz (2012, p. 49) afirma: “o poema se alimenta da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões. Ou seja, de suas tendências mais secretas e poderosas”.

Nessas compreensões, no Antigo Testamento da literatura bíblica, o Cântico dos Cânticos de Salomão é um poema estruturado por diálogos amorosos entre amantes. Diálogos, carregados de conotação erótica e sexual que permitem não apenas a leitura religiosa, mas uma leitura literária. Assim, se apresenta já primeiro Cântico na voz feminina:

Que me beije com beijos de sua boca! Teus amores são melhores do que o vinho. O odor dos teus perfumes é suave. Teu nome é como óleo escorrendo, e as donzelas se enamoram de ti (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p 1077).

Conforme as ideias de Cavalcanti (2005, p. 246), o Cântico dos Cânticos começa com um de seus versículos mais sensuais, um apelo feroz para que o amante (Salomão, um pastor) beije na boca alguém (Sulamita, uma mulher do harém do rei) que o deseja e que antecipa no beijo que pede supremas delícias.

Ainda segundo Cavalcanti (2005), poucos livros bíblicos são tão fascinantes quanto o Cântico dos Cânticos. Num contraste entre a mensagem de Deus e o desejo do homem, abre a janela da vaidade do ser humano na cristalização dos prazeres sentidos pelos protagonistas. Nesse sentido, Stadelmann (1993) relata que no Cântico dos Cânticos de Salomão os diversos cenários servem como pano de fundo para os diálogos dos personagens, cujas palavras e atitudes estão relacionadas com sua função como portadores de mensagem. O que desperta a imaginação do leitor para um contexto humano e universal na mensagem do poema.

Assim, refletir sobre os aspectos literários do Cântico dos Cânticos de Salomão interessa não apenas aos estudos teológicos por estar inserido no cânon das Escrituras Sagradas, mas é também interesse das várias pesquisas que se debruçam a estudar e analisar o Cântico dos Cânticos enquanto poesia universal.

1 O EROTISMO DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS NA LITERATURA SAPIENCIAL

O fato de o Cântico dos Cânticos despertar tanto interesse e diferentes interpretações desde a recepção judaica e cristã, assim como a interpretação nos estudos literários faz levantar debates constantes a respeito do seu reconhecimento enquanto literatura sapiencial. Isto se dá exatamente por seu conteúdo tão distinto daqueles comumente expostos na Bíblia.

Neste sentido, Anderson (1995) esclarece que a canonicidade do Cântico foi dividida por certos grupos judeus por não entenderem como o livro fez

parte da Escritura Sagrada, se ele, aparentemente, não falava do nome de Deus, nem da Lei, e nem dos Profetas, muito menos dos milagres divinos operados na história do povo bíblico.

Conquanto, ressalte-se que o nome de Deus no Cântico dos Cânticos é apenas mencionado no último poema, em apenas um de seus versos, quando os amantes comparam seu amor ao fogo, à faísca de Deus, no capítulo 8-6:

Pois o amor é forte, é como a morte, inflexível como o Xeol. Suas chamas são chamas de fogo uma faísca de *Iahweh*. As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p. 1089).

Esta passagem, de acordo com a análise, compara o poder de Deus com a força implacável da paixão, num contexto mais voltado para a carnalidade dos desejos que os amantes, protagonistas sentem e nutrem pelo outro. De acordo com Cavalcanti (2005), nas mais variadas leituras literárias não se encontra uma leitura única para conceituar a literatura do Cântico. Nela, podemos ter entendimentos distintos, cada leitor vê a mensagem do poema com seus próprios olhos, que santa ou profana, leva e eleva a imaginação sobre o amor e o erotismo na obra.

O que não se pode negar, portanto, é que há uma carga de erotismo nos discursos e nas imagens sugestivas para o amor, sobre o amor, e, não um amor divino possível de ser vislumbrado nas interpretações calcadas nos dogmas religiosos, mas um amor carnal que exacerba desejos, que admira o corpo, espera o beijo, um amor de paz e desassossego. Assim, a linguagem do Cântico dos Cânticos que é de amor, é também de erotismo.

Ao mesmo tempo em que o poema enfatiza temas de amor e devoção entre um homem e uma mulher, também reflete o relacionamento amoroso entre Javé (Iavé, Jeová) e seu povo, Israel, e entre Cristo e sua Igreja. Assim, a Bíblia da Mulher (2009, p. 1076), nas notas introdutórias dos Cânticos, defende que a intenção do poeta na obra era ressaltar as emoções mais profundas da

experiência humana. A linguagem metafórica do Cântico Salomônico deleita e intensifica os sentidos ao mesmo tempo, que ilumina o entendimento ao encantamento do poema, intensificando a cada verso o anseio do amor, a repetição da busca dos beijos, os votos de constante admiração dos amantes que na dança poética são convenções literárias no despertar das reações universais.

O poema clareia o sentimento de liberdade poética, amorosa e erótica, tanto dos amantes protagonistas, quanto do leitor, que experimenta nesta literatura várias possibilidades de sentir o texto, o que Compagnon (2009, p. 53) acrescenta: “a literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentimentos não têm limites”.

Neste mesmo sentido, corroborado por Amaral (2009, p.44), o Cântico é um dos livros mais enigmáticos da Bíblia, linha por linha e palavra por palavra.

Arrasta-me contigo, corramos! Leva-me, ó rei, aos teus aposentos e exultemos! Alegremo-nos em ti! Mais que ao vinho, celebremos teus amores! Com razão se enamoram de ti [...] (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p 1077).

A respeito dos versos acima, conforme Silva (2007, p. 125) o desejo de Sulamita é que seu amado a leve para a cama. Dessa maneira, Paz (1999, p. 16) defende que o erotismo é invenção, variação incessante. Isto posto, Sulamita, após entregar seus beijos a Salomão, não poderia esperar outra coisa, senão arrastar-se aos braços do amado, que é lugar de amor, de fazer amor, de exultar-se no ato sexual, deleitar-se no corpo do rei.

No contexto das Escrituras, o Cântico dos Cânticos é o único livro a celebrar o amor sexual. O poema dá voz aos amantes numa linguagem e discursos diferentes dos utilizados comumente na sociedade da época e principalmente nos demais livros do cânon. Porém, Bakhtin (2010, p. 17) nos propõe que a linguagem passa a ser concebida pelo contexto social. Isso quer dizer que ela não existe à parte do sujeito e da história, mas a linguagem está no sujeito e na história por meio de suas práticas cotidianas, de suas ações

subjetivas, das manifestações sociais naturais que o constituem em seu meio de interação, pelas metáforas como o poeta sonha.

Erotismo e poesia são metáforas, uma na sexualidade outra na linguagem e, por isso, são tão próximos. A poesia é uma manifestação física dos sentidos, tanto quanto o sonho e o encontro erótico, que também são manifestações poéticas em si. O erotismo verbal aliado à poesia corporal proporciona o surgimento da ideologia do amor, expressa na literatura ao longo dos séculos (PAZ, 1999, p. 23).

Baseando-nos em Otavio Paz (1999), entendemos que linguagem do Cântico dos Cânticos é, portanto, o seu diferencial. É através dela que os amantes se expressam de maneira particular em relação às outras leituras do cânone. E por meio desta linguagem é que desenvolvemos nossa capacidade de compreensão. Dessa forma, a linguagem literária do poema levanta inúmeras possibilidades de análises em diferentes contornos, visto que sua escritura bebe na fonte do amor divino e também se entrega aos braços da carne nos desejos absolutos da realização amorosa e erótica desenhada em cada verso, em cada sentido que se desdobra a leitura.

Desse modo, a mulher do Cântico celebra o amor e namora o homem amado. Para Alberoni (1996, p. 135) este enamoramento não é premeditado pelos amantes. Alberoni esclarece que o enamoramento entre homem e mulher apaixonados acontece à medida que o desejo aflora o namoro, a paquera e tudo é inesperado. Assim, Alberoni (1996, p. 136) afirma: “no imaginário feminino, o desejo do homem é como uma corda estendida sobre a qual caminham juntos”. E se caminham juntos, a mulher deseja a continuidade do amor, “o desejo da mulher de permanecer ao lado do homem depois do seu orgasmo (ou seus orgasmos) é muito mais forte quando ela está apaixonada” (ALBERONI, 1996, p. 22).

Segundo Alberoni (1996), o erotismo feminino vai além do momento de excitação. Para ela não é apenas sexo, mas um contínuo buscar pelo seu homem

num agrado eterno e duradouro. Já no homem, o erotismo tende o contrário, fragmenta-se na descontinuidade das diversificadas fascinações que em uma, duas, ou mais mulheres ele encontra ou descobre.

Ravasi (2003, p. 192) afirma: “o tema central dos poemas do Cântico dos Cânticos é o homem, a mulher e o amor”. Dessa maneira, a linguagem do poema é a manifestação dos sentidos do poeta, uma vez que, segundo Paz (2012), a linguagem do poema é do dia-a-dia, mas também pode falar de coisas que não costumamos dizer. Para este autor, há sempre uma rachadura entre o dizer social e o dizer poético.

Diferentemente do contexto social e do dizer poético, a mulher é protagonista na poesia do Cântico, nas cantigas de amor que o poema produz. Uma vez que, ela é o elemento fundamental da produção inspirada. A Sulamita do Cantares é musa, princesa, vilã, é objeto de desejo e encantamento, divindade e pecado. Ademais, através da literatura as mulheres tornaram-se personagens principais e insubstituíveis na visão do amor na imaginação masculina do erótico e do sensual e sexual em todas as sociedades.

Minha amada, eu te comparo à égua, atrelada ao carro do Faraó. Que beleza tuas faces entre os brincos, teu pescoço, com colares! Far-te-emos pingentes de ouro cravejados de prata [...] (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p. 1078).

Sobre a passagem acima, Mazzarolo (2000) esclarece que todo animal na casa de uma pessoa rica tem, em geral, uma vida burguesa semelhante à de seus donos. Nesse mesmo sentido, Stadelman (1993) analisa:

A comparação de Sulamita à égua do carro de faraó, reflete o destaque e posição elevada que ela tem no desfile real como montaria do amado, em posição elevada no governo. Ainda que a carruagem tombasse, a égua do carro de faraó não perderia o foco no embalo da carreira e continuaria firme no passo da guerra (STADELMAN, 1993, p. 52).

Salomão compara sua amada à égua do carro do Faraó explorando o símbolo da beleza e da sexualidade impressos na égua. Para Silva (2007, p. 130), “além de utilizar a

comparação com vários animais ao longo do texto para exaltar a beleza, o amado quer expressar que sua amada o atrai sexualmente”.

Ao comparar Sulamita à égua do carro de faraó, Salomão dota sua amada de força e resistência, destemida, pronta a enfrentar todos os obstáculos que possam impedir a ousadia do desejo em se tornarem amantes. Nesse sentido, Bataile (2014, p. 16) defende: “o ser amado para o amante é a transparência do mundo”. Stadelmam (1993, p. 51) contribui, esclarecendo: “esta comparação cede lugar ao fascínio ante os suntuosos ornamentos, que realçam a beleza de sua fisionomia, harmonia nos detalhes dos traços graciosos”.

O erotismo masculino, portanto, segundo Alberoni (1996), é permeado de beleza. O homem sente atração pela mulher adornada, enfeitada, cheirosa, bonita. Salomão, assim, corresponde o desejo apaixonado de Sulamita ao compará-la à égua. O que pode, no entanto, parecer grosseiro na verdade é a linguagem erótica do amor se manifestando nas sensações sentidas pelo homem recebendo os gracejos da amada nas palavras sensuais de homem apaixonado, dizendo que deseja enfeitá-la dos pés à cabeça cravando à de joias em ouro e prata.

Bataile (2014) nos revela que a atividade erótica nem sempre abre espaço para o entendimento grosseiro da palavra. Por vezes secretamente o uso que parece grosseiro, no erotismo, pode se manifestar como sensual, que para a humanidade é a mola do prazer. É comum, aliás, entre os amantes, palavras eróticas no momento de êxtase em que estas palavras não soam como desagravos, mas incrementam e incitam a relação amorosa por um erotismo falado em que dois se tornam um.

Para Alberoni (1996), a mulher representa a erotização da sexualidade, pois está aberta, quase sempre, à experiência interior que lhe dará possibilidade

de um conhecimento novo. “Para a mulher, a ternura e a doçura combinam com o erotismo, inserem-se nele harmoniosamente” (ALBERONI, 1996, p. 25).

A liberdade poética, dessa maneira, está no poema Salomônico através da metáfora que o desejo do amor sexual embala nos corações dos amantes através de seus discursos. Nesse sentido, Paz (1999) aponta que o sexo, erotismo e amor fazem parte do mesmo fenômeno, são manifestações vivas no ser humano. Assim, o poema é completado por Salomão na ânsia desse desejo, em que o poeta, num apelo por uma relação mais íntima com sua amada, suplica:

Pomba minha, que se aninha nos vãos do rochedo, nos esconderijos, nas encostas dos montes; pela fenda dos barrancos. Deixa-me ver tua face, deixa-me ouvir tua voz, pois tua face é tão formosa e tão doce a tua voz! (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p 1080).

O excerto acima, em nossa compreensão, pode basear-se nas ideias de Bataille (2014), de que o erotismo de forma geral é infração à regra dos interditos. Ou seja, aquilo que a linguagem comum pasma, a linguagem erótica suaviza. Tudo o que parece belo não é desrespeitoso, desde que sussurrado debaixo dos lençóis. Esses sussurros, porém, surgem como transgressão social aos modelos pré-determinados pela sociedade. A transgressão social, dessa maneira, tem o poder de favorecer os ditos que por regras eram silenciados. Só a poesia, no entanto, pode dar voz aos silêncios, sem que para isso, ridicularize os amantes perante a sociedade.

Desse modo, Paz (1999, p. 18) afirma: “o erotismo defende a sociedade dos assaltos da sexualidade”. A comparação da mulher à uma pomba, parece assim, galanteio e paixão.

Segundo Mazzarolo (2000, p. 111), “na tradição bíblica, a pomba representa uma ave simples, sem falsidade e sem mentiras”. Salomão nesta parte do poema faz um apelo para que sua amada se apresente a ele, mostrando sua face, ecoando sua voz. No entanto, este verso pode também ser entendido como uma exigência por uma resposta, uma ordem, uma vez que, Salomão era

rei, absoluto. Ele diz: “Pomba minha/ pela fenda dos barrancos... Deixa-me ver tua face”. Neste apelo, o rei Salomão comparando a amada a uma pomba, pede que ela deixe as cerimônias e se entregue ao desejo carnal que seu corpo sente.

No desejo de descobrir mais sobre a mulher amada, Salomão acrescenta à sua imaginação a vontade de despir a formosura de Sulamita, individualizando assim, o seu próprio prazer na realização de um sonho que é só seu, para a sua satisfação. Paz (1999) defende:

O amor é individual ou, mais extamente, interpessoal: queremos unicamente uma pessoa e pedimos a ela que nos queira com o mesmo afeto exclusivo. Uma das características do amor é a exclusividade (PAZ, 1999, p. 106).

Porém, no encantamento de amor entre homem e mulher estão sempre presentes as paixões e outras potências criadoras de encantamento que potencializam também os desejos dos corpos. O amor e erotismo, dessa forma, se completam, um existe para e pelo outro. Sendo o poeta do cântico um homem dotado de abundantes características em poder e formosura, suscita na mulher um amontoado de novas emoções. Por isso, Sulamita deseja encontrar seu amado e dizer-lhe que é tão dele o quanto ele é seu. “Meu amado é meu e eu sou dele” (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p 1087).

Segundo Silva (2007, p. 139), na frase acima, Sulamita está afirmando que ele apascenta a ela mesma, isto é, o seu corpo e a sua intimidade. Então, já não estão mais separados. O contexto dessa frase tão pertencente ao amor, ao mesmo tempo tão sensual em que o erotismo feminino assenta-se na palavra, a mulher romantiza a relação amorosa em que ela é amada e também ama, sentindo-se participante desta relação.

Ao dizer que um pertence ao outro, a Sulamita também deixa clara a necessidade de fazer parte na vida deste homem, na tentativa de avivar o amor que sente, mas cuidando para que seu amor seja sentido por ele. Neste ponto,

Alberoni (1996, p. 43) aborda que cada mulher cuida e procura manter vivo o amor, nela ou no próprio homem.

Stendhal (1993) esclarece:

Nas mulheres a esperança deve estar baseada sobre considerações morais muito difíceis de interpretação adequada. A maioria dos homens solicita uma prova de amor que eles julgam capaz de disparar todas as dúvidas; as mulheres não são suficientemente felizes para que possam encontrar tal prova, e existe essa desgraça na vida; o que faz a segurança e a felicidade um dos amantes, faz o perigo e quase humilhação do outro (STENDHAL, 1993, p. 47).

Para Alberoni (1996), do ponto de vista erótico, o ambiente apropriado (feminino) tem uma grande importância para o homem. “Dessa forma, não devemos confundir as fantasias masculinas com seu comportamento real” (ALBERONI, 1996, p. 43). Esse instinto sexual, no pensamento de Otávio Paz (1999), é abalizado pelo amor e erotismo que se refletem nas cristalizações, sublimações, perversões e condensações que transformam a sexualidade e a tornam, muitas vezes, incognoscível.

Assim, o erotismo no Cântico dos Cânticos é sexo em ação. Mesmo que indiretamente, na construção textual, pode ser sentido na linguagem da poesia, na imaginação tanto do leitor, quanto claramente dos protagonistas do poema. O que Baudelaire citado em Todorov (2009) analisa: “A imaginação é a mais científica das faculdades, porque apenas ela pode compreender a analogia universal. A imaginação é a rainha do verdadeiro” (TODOROV, 2009, p. 63).

Salomão imagina na mulher amada o exemplo de beleza e perfeição. Tomado por um amor tão avassalador que ao desatinar-se também se consola na perda ou no encontro que só um coração loucamente apaixonado é capaz de entender.

[...] Roubaste meu coração, minha irmã, noiva minha, roubaste meu coração com um só dos teus olhares, uma volta dos colares. Que belos são teus amores, minha irmã, noiva minha; [...] (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p 1080).

Conforme Mazzarolo (2000, p. 134) o olhar é a linguagem do coração. Nestes versos o erotismo e o amor são formas derivadas do instinto sexual. Segundo Amaral (2009, p. 126), “sentir o coração roubado é perder o controle da consciência”. Já para Silva (2007, p. 149), neste contexto do poema “o amado parece que sussurra para sua amada que a força do que sente por ela após ser cativado pelo olhar dela é uma força avassaladora”. O amor, dessa forma, deseja beleza. A beleza, por sua vez, suspende o erotismo para o mais alto ponto do desejo o fazendo normal e necessário para os amantes.

Nas palavras de Paz (1999), o erotismo é universal, e o amor metáfora da sexualidade. Eis aqui porque os confundimos e, por vezes não podemos nomear, se é amor, sexo ou se a imagem erótica ao imaginarmos viver e reviver sensações às vezes proibidas nos sentimentos de amor que acreditamos sentir.

Contudo, Paz (1999) nos afirma que não há como termos um, se também não tivermos o outro. O sentimento de admiração, desejo e contemplação, um pelo outro, traz um dever de aceitação submissa capaz de tornar os amantes uma só carne, onde o nós, deixa de existir e somente no ato sexual atingem sua totalidade. Por isso, Otavio Paz diz que o amor busca sua própria realização.

Ao ver o corpo, os atributos da alma, os apaixonados incorrem numa heresia reprovada tanto por cristãos como por platônicos. Assim, não é estranho que tenha sido considerado como um desvio e até como uma loucura: o louco amor dos poetas medievais [...] O amor é louco porque fecha os amantes numa contradição insolúvel. O amante ama o corpo como se fosse alma e alma como se fosse o corpo. O amor mistura a terra com o céu, é a grande subversão (PAZ, 1999, p. 116-117).

O homem do cântico parece fascinado pelo corpo da mulher desejada. Para ele não há, no momento de paixão, mulher igual a ela. Salomão descreve nas palavras voltuosas quão grande é sua obsessão sexual por Sulamita. Segundo a Bíblia de Jerusalém (1998, p.1095), “o amado sente-se arrebatado pelos olhares de sua noiva, pelo gosto de seus beijos, pelo perfume de suas

roupas”. O vinho, os aromas, os ambientes naturais são palco da quase inacessibilidade do lugar que as personagens ocupam na história. Mas se existiram, Salomão e Sulamita fizeram do amor e da paixão um ato erótico sensualmente sublime. O que pode ser conferido no excerto seguinte:

Teus amores são melhores do que o vinho, mais fino que os outros aromas é o odor dos teus perfumes. Teus lábios são favo escorrendo, ó noiva minha, tens leite e mel sob a língua, e o perfume de tuas roupas é como o perfume do Líbano (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p 1081).

Bachelard (2009) diz que a poesia constitui ao mesmo tempo o sonhador e o seu mundo. Neste verso, o poeta não ousa nem comparar sua amada ao mais fino vinho, pois ela é ainda bem mais que isso. Embora na época o vinho fosse uma iguaria da mais alta corte, Salomão coloca a amada numa posição de alto relevo e predileção. Tal poeta sonhador, o homem apaixonado do Cântico, sonha em devaneios com a mulher que lhe enche os olhos, que lhe farta o corpo e carne ardente.

Com efeito, acompanhando o pensamento de Bachelard (2009, p. 22), “o sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância da felicidade”. Para Salomão, os prazeres que Sulamita lhe proporciona são mais elevados. Entre todas as mulheres, ela é o seu sonho de amor e seu mundo de delícias. Pois ela tem o cheiro mais aprazível e confortante, beijar sua boca é sentir escorrendo o mais puro mel no canto dos lábios, tocá-la é caminhar entre as estrelas. Até o cheiro das roupas da mulher amada, é para Salomão, motivo de devaneio que o põe em estado de alma nova e viva.

Sulamita desperta a paixão do amado a cada gesto retratado no poema. Até mesmo quando não existe, a sexualidade da mulher do Cântico se levanta nas entrelinhas para uma nova percepção, em que a sedução, o amor e o erotismo se fazem na poesia desde a imagem poética até o sonho de simplesmente vislumbrar a boca, o perfume, o olhar e o corpo. Para Ravasi (2003, p. 317), “a sexualidade da mulher é como um monte envolto nos

perfumes das árvores”. Ravasi, ainda reafirma: “o tema deste poema é um só, ou seja, o fascínio e o esplendor do corpo feminino”.

Alberoni (1996) esclarece que o milagre desse eterno enamoramento da paixão, está exatamente na transgressão dos valores socialmente aceitáveis em virtude da satisfação da pessoa amada. O erotismo, assim, acompanha a ansiedade que os amantes sentem um pelo outro, no desejo de entrarem num mundo em que só eles habitam. Ademais, conforme este mesmo autor, o encantamento do namoro, é para nós, demonstrado no Cântico, pela transfiguração da beleza do corpo, do prazer sexual tanto de Salomão, quanto de Sulamita ao se desejarem. Esse desejo pode ser visto não apenas na forma alegórica, mas na forma literal da obra, que traz a realidade das sensações sexuais que dois seres podem viver. “O corpo, a beleza, o prazer sexual, os beijos, o contato físico, o prazer no enamoramento, são meios para algo mais adiante, para a essência da pessoa amada, para um valor indizível” (ALBERONI, 1996, p. 149).

Pois o amor é forte, é como a morte, o ciúme é inflexível como o Xeol. Suas chamas são chamas de fogo uma faísca de Iahweh! As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... Seria tratado com desprezo (BÍBLIA DA MULHER, 2009, p. 1089).

O sentido do amor no excerto acima, para Mazzarolo (2000, p. 218) “é labareda de fogo”. A intimidade das pessoas acende uma fogueira que não se apaga. São chamas que lançam centelhas, faíscas de fogo que irradiam, ao mesmo tempo, luz e calor. O amor é calor humano, é comunicação de vida para gerar mais vida. O fogo transforma, purifica, consolida. “O fogo do amor é como uma fogueira de labaredas muito intensas” (MAZZAROLO, 2000, p. 218).

Um amor ardente como as labaredas de um incêndio incontrollável, grande, belo e nobre é o amor de Sulamita para com Salomão, de tal forma que as riquezas a ele comparadas nada valem, e qualquer um que o queira ou deseje

comparar seria justamente desprezado, falaria inutilmente, pois nada ocupa o seu lugar.

O amor é intensidade e por isso é uma distensão do tempo: estira os minutos e os faz longos como séculos. O tempo que é medida isócrona, torna-se descontínuo e incomensurável. Mas depois de cada um desses instantes sem medida, voltamos ao tempo e ao seu horário: não podemos escapar da sucessão (PAZ, 1999, p. 191).

Paz (1999) ainda ressalta que se o amor é tempo, não pode ser eterno. Todavia, não sendo o amor uma eternidade para os apaixonados, que apesar de todos os males e desgraças sempre buscam amar e ser amados, o amor é para eles sua abundância nas terras bem aventuradas da paixão. Para Paz (1999, p. 196), “o amor não vence a morte: é uma aposta contra o tempo e seus acidentes”.

Pelo amor vislumbramos, nesta vida, a outra. Não a vida eterna, e sim a vivacidade pura [...] O tempo do amor não é grande nem pequeno: é a percepção instantânea de todos os tempos num só, de todas as vidas num instante. Não nos livra da morte, mas nos faz vê-la cara a cara [...] Não é um regresso às águas da origem, mas sim a conquista de um estado que nos reconcilia com o exílio do Paraíso (PAZ, 1999, p. 196).

Os amantes dos Cânticos excitam-se, embriagam-se da bebida gerada por seus beijos, se aprisionam e se libertam para se descobrirem em vida e depois da morte, tal uma faísca de Iahweh, (Deus). A morte, conforme Baudrillard (2008, p. 83) “não é destino objetivo, mas um encontro marcado”. Baudrillard explica que o espanto da morte é que é encantador. Os amantes do Cântico dos Cânticos, dessa maneira, encantam-se até na imaginação de estarem juntos num outro tempo, e nesse tempo, ainda magicamente, se pertencerem sexualmente.

Sulamita e Salomão concluem o enredo do poema ao unirem-se em vida e morte num sentimento de amor que se iguala a faísca de Deus, ao poder de Deus que é tremendo e inigualável. O amor para eles tem uma força descomunal que os coloca no nível da morte, ao ponto de sentirem-se até

maiores e mais importantes do que ela em sua existência. No ato sexual, no prazer do gozo de seus corpos, ambos preenchem a distância que certamente o tempo trará.

Silva (2007) relata-nos que a morte é uma realidade concreta, e que o amor dos amantes do Cântico é qual a morte, real, irresistível e indiscutivelmente definitivo. E ainda, a morte e o amor se parecem, pois ambos envolvem não uma parte, mas, a totalidade da vida: a morte para extingui-la e o amor para fazê-la eclodir. Não há como conter a morte, não há como parar um desejo de amor. De acordo com Alberoni (1996, p. 148), o desejo da pessoa amada é o desejo desse absoluto entrevisto, mas também inatingível. No amor do Cântico, os poetas não esperam o tempo, mas dentro dele, se entregam como se fosse a primeira vez.

Segundo Cavalcanti (2005), a comparação entre o amor e a morte pode simplesmente querer dizer que ao amor ninguém pode resistir como não se pode resistir a morte. Pois o amor é forte como a morte, uma faísca de Deus que em seu sentido total é chama mais potente da vida e da morte. Nem a tormenta, nem o ciúme, nem a desilusão do momento podem dissolver o sentimento, a potência desse amor que parece inacreditável.

A amada o faz aqui nos termos mais belos e fortes, falando do seu poder invencível, do seu caráter final, do seu valor sem igual. Compreende-se que este poema tenha sido colocado, como uma coroa, no final da coleção (CAVALCANTI, 2005, p. 459).

O desejo é potência para o amor dos amantes do poema, razão e sensibilidade dos apaixonados. Nesse sentido, Mannucci (1986, p. 51) esclarece: “o desejo é a tensão do amor que mantêm suspensos os dois amantes numa atração simultânea física e transcendental, e requerem realização e repouso”.

Complementando, Bachelard (2009, p. 20) assevera: “ainda existem almas para as quais o amor é o contato de duas poesias, a fusão de dois devaneios”. No amor, o qual queima e não se consome, está a eternidade que os amantes do

Cântico se referem. Uma eternidade que persiste ainda depois da morte, na fusão de duas poesias em que Salomão e Sulamita se unem revelando-se um ao outro.

Na força imaginativa de cada um dos amantes em sonhar em devaneios, eles entram de corpo e alma na felicidade de um amor eterno e inatingível que só a morte lhes concederá. E para Stendhal (1993, p. 136) “o verdadeiro amor torna frequente o pensamento da morte”. Neste caso, para Sulamita e Salomão, a morte não é o fim, não mata o seu desejo sexual, não afoga seus devaneios. Mas, para esses apaixonados, a morte é um recomeço, numa outra vida, dando início à mesma emoção imaginada no primeiro beijo.

Bachelard (2009, p. 5) esclarece: “a imaginação tem sempre uma primavera a descrever. Na natureza, longe de nós, já viva, ela produz flores”. E ainda:

A imaginação é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. [...]. Assim, a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão (BACHELARD, 2009, p.18).

Com efeito, o amor descrito nos Cânticos, é o mesmo amor dos poetas de ontem e hoje. Um amor que inventa, cria e enxerga aquilo o que deseja ver na beleza da pessoa imaginada. Invenção ou realidade, o Cântico aborda temas universais das criaturas humanas, como, o desejo, a paixão, o ciúme, o individualismo, a sedução, o sexo, o erotismo, o poder, o amor. Um amor contraditório, ao tempo que liberta, ele também aprisiona.

O amor deste poema bíblico é quente feito labareda, comparado ao fogo do inferno. O amor de Salomão e Sulamita é sensual, é erótico, pois mexe com a imaginação de quem o lê, ao ponto de também senti-lo fervilhar a carne fraca e tola de quem ama. O amor expresso no poema é cheio de expectativas, repleto de ações contraditórias. Reflete a paixão dos amantes como único reconhecimento da forma certa de amar.

Nenhum texto literário em toda a história mundial recebeu tantas traduções e interpretações como o Cântico dos Cânticos. Nenhum texto bíblico, fora dos comentários religiosos, foi mais citado ou discutido.

Não há só de seus versículos que não tenha sido objeto da mais extensa variedade de leituras, de tal modo que se alguém se dispusesse a editar o poema apenas com aquelas mais aberrantes certamente alcançaria produzir um texto irreconhecível (CAVALCANTI, 2005, p. 13).

A linguagem poética do Cântico carrega sentimentos humanos, que no amor e no erotismo se misturam. Essa linguagem, de acordo com Borralho (2017, p. 88) “é ao mesmo tempo um dispositivo da existência e o princípio criador dela”. Nas palavras deste autor, a capacidade para essa compreensão só é possível mediante a linguagem e que por meio da linguagem se estabelece relação entre significante e significado, entre o que representa e o que é representado.

O Cântico dos Cânticos de Salomão representa o desejo expressado através de discursos que exprimem o gozo em poetar, no regozijo de descobrir o sentido da existência no diálogo poético a que ambos, Salomão e Sulamita, se destinam. Um regozijo na vida e na morte, em que o amor, um tanto quanto livre, desamarrado das convenções sociais da época, é peça fundamental. A poesia, portanto, arranca as vestes da palavra e a oferta ao poeta, para que este, por meio da linguagem, viva e se deixe morrer na tarefa de satisfazer o instinto erótico de quem escreve e de quem lê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cântico dos Cânticos inscreve a paixão levada ao extremo, no estado mais elevado, onde um para o outro não tem defeito, é glorioso como um corpo divino. Pela plurissignificação da linguagem com um discurso poético, erótico e

sensual, o poema faz o leitor a vislumbrar sentimentos e prazeres que em outras leituras bíblicas não se percebe.

Assim, tanto o texto literário, quanto o religioso exigem interpretação, e, por isso, requerem conhecimento dos textos pesquisados. A linguagem do Cântico se apresenta complexa, por ser metafórica, exige um prévio levantamento sobre o assunto para que se facilitem as interferências textuais.

Embora a linguagem do poema seja uma linguagem do nosso dia-a-dia, ela pode falar de coisas que não são ditas com frequência. Neste sentido, a poesia abre espaço para que a imaginação pise em terra firme e aquilo que nunca fora dito possa ser entendido em sua totalidade por meio da palavra poética.

Dessa forma, Coutinho (1980) defende que a beleza das palavras traz luz para o pensamento. É essa beleza manifestada na poesia que desperta no homem a busca de sua existência. O poeta com a força de sua criação e capacidade de levar o mais rebelde dos homens a andar nos labirintos do pensamento para alcançar o entendimento e dar um sentido para suas emoções, tem a literatura como arma infalível lhe estendendo a mão. Quando ele se deprime, é ela que traz a compreensão sobre as coisas do mundo.

A poesia do Cântico trata do amor humano entre um homem e uma mulher. Sua plurissignificação linguística, que é atributo poético e literário, intensifica a fruição do desejo e a imaginação intensa da existência do poeta. Ademais, a poesia alimenta o espírito metafísico deste poeta que tem a capacidade de submeter-se às palavras e tornar-se seu servidor.

Na poética salomônica, o artigo procurou abordar os sentimentos de amor e erotismo, baseado em teóricos que tratam do tema não como objeto das ciências e da razão, mas como forças humanas indissociáveis do homem e como instrumentos valiosos para as compreensões. Assim, a literatura se apresenta como o caminho mais leve para essa busca e para as descobertas que satisfarão

ou frustrarão o homem. A poesia, portanto, é o resultado dos múltiplos sentimentos detalhados nos cânticos, emaranhados entre o amor e o erotismo, percebidos a cada verso, fazendo o leitor imaginar e entender o sentido do texto.

Ao se fazer a leitura do poema se tem várias possibilidades de análises uma vez que a literatura abre a porta da imaginação para o leitor, provocando o nascimento de uma nova obra em sua ótica e seu entendimento. No poema Salomônico se pode falar de amor, erotismo, sedução, sexualidade, feminismo, sagrado, profano, o que o faz ser estudado e interpretado na literatura contemporânea mais no seu sentido literal que no seu aspecto religioso.

Verificou-se, portanto, ao término deste estudo, que o eixo central enquanto estudo literário do Cântico dos Cânticos é o amor humano, a relação entre dois apaixonados que desperta o desejo do amor sexual. Seja no passado ou na atualidade, este poema é visto como uma relação entre Deus e seu povo, ou uma lira dedicada ao matrimônio, ou puramente no seu sentido erótico e sexual, uma vez que, nas palavras de Calvani (2010, p. 117) “o corpo inteiro é bonito, é todo erótico”.

Convém dizer que discutir um texto bíblico e sua relação com a história não é tarefa fácil, sobretudo quando o escritor se debruça sobre as nuances da história cultural de um determinado povo, seus costumes e acordos sociais. Pelo contrário, denota complexidade. Dessa maneira, ao longo das leituras, verificou-se que a poesia do Cântico dos Cânticos enquanto arte poética universal se refere também ao que há de latente no amor humano, carnal, desde o sonho do beijo, a espera do encontro, até aos desejos mais profundos que os separam e os une.

Dessa forma, tomou-se o texto bíblico do Cântico dos Cânticos de Salomão como objeto de estudo para descrever os aspectos de amor e erotismo que nele se condensam, os quais são vistos com reservas por instâncias

religiosas e evangélicas. Apesar de ser um tema já bastante discutido nas academias, este estudo pode ser um cabedal teórico de novas possibilidades analíticas na temática do amor e erotismo para os estudos literários.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**: fantasias e realidades do amor e da sedução. São Paulo: Circulo do Livro, 1996.

AMARAL, M. J. C. (2009). **A metáfora das metáforas** – Imagens de plenitude na simbologia do Cântico dos Cânticos. Mestrado (Ciências da Religião). São Paulo, PUC.

ANDERSON, Ana Flora, GORGULHO O. P, Frei Gilberto. **Cântico dos Cânticos**: a libertação da mulher. São Paulo: Art Color, 1995.

ARCHER, Gleason Leonard, 1916- **Enciclopédia de temas bíblicos**: respostas às principais dúvidas, dificuldades e "contradições" da Bíblia. Tradução Oswaldo Ramos. 2. ed. São Paulo: Vida, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: WMF. Martins Fontes, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 17.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BAUDRILLARD, J. **Da sedução**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BÍBLIA DA MULHER. **Bíblia da Mulher**: leitura, devocional, estudo. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Bíblia de Jerusalém**. Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORRALHO, Henrique **Versura**: ensaios (2011 – 2017). São Luís: Ed. UEMA; Café & Lápis, 2017.

CALVANI, Carlos Eduardo (org). **Bíblia e Sexualidade** – abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O cântico dos cânticos**: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica Poética**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MAZZAROLO, Isidoro. **Cântico dos Cânticos**: uma leitura política do amor. Porto Alegre: Mazzarolo Editor, 2000.

PAZ, Octavio. A dupla chama: **amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1999.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RAVASI, Gianfranco. **Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

REINKE, André Daniel. **O Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

SILVA, Reginaldo de Abreu Araujo da. **Cântico dos Cânticos e o amor humano**: um estudo a partir da psicologia junguiana. São Paulo: [s. n.], 2007.

STADELMANN, I. L. **Cântico dos cânticos**. São Paulo: Loyola, 1993.

STENDHAL, H. **Do Amor**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 12 de fevereiro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 14 de julho de 2022.